

A EDUCAÇÃO HUMANIZADA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

HUMANIZED EDUCATION: SOME REFLECTIONS ON TEACHING IN CHILD EDUCATION

¹CAMILOTI, Fabiana Dini; ²JOROSKY, Narda Helena

^{1e2}Departamento de Pedagogia – Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos-
Unifio/FEMM

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a relevância da educação humanizada na Educação infantil para que haja uma prática pedagógica mais integradora com as crianças pequenas. Esta pesquisa é parte do Trabalho de conclusão de curso em licenciatura em Pedagogia e está embasada através do posicionamento de diferentes autores que abordam essa temática. Para isso, usamos a metodologia bibliográfica que serviu como base para nortear e desenvolver as ideias do trabalho e aprofundamento do tema. Esta pesquisa tem como finalidade verificar a real importância de uma educação que possa ser integradora e humanizadora, contribuindo com maior intensidade para a formação das crianças na escola, não só em campos científicos, mas, humanos. A conclusão do artigo é perceber o quanto o professor precisa estar atento ao processo educacional a partir de um olhar e escuta sensível, estando próximo das crianças e participando ativamente de suas rotinas e vivências dentro da escola.

Palavras-chave: Pedagogia; Humanização; Educação infantil.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the relevance of humanized education in early childhood education so that there is a more integrative pedagogical practice with young children. This research is part of the conclusion work of a degree in Pedagogy and is based on the positioning of different authors who approach this theme. For this, we used the bibliographic methodology that served as a basis to guide and develop the ideas of the work and deepen the theme. This research aims to verify the real importance of an education that can be integrative and humanizing, contributing with greater intensity to the education of children at school, not only in scientific but also in human fields. The conclusion of the article is to realize how much the teacher needs to be attentive to the educational process from a sensitive look and listen, being close to the children and actively participating in their routines and experiences within the school.

Keywords: Pedagogy; Humanization; Child education.

INTRODUÇÃO

Educar vem do latim *educare*, que significa “educar”, “criar”, na definição de preparar pessoas para o mundo e viver em sociedade. Para Freire (1979) as pessoas se tornam mais conscientes de sua humanidade quando interagem com outras pessoas na vontade de conhecerem a si mesmas e ao mundo. Ao trazer este conceito é importante pensar no processo de humanizar, já que estamos falando de seres humanos que estão aprendendo a viver em comunidade. Assim, a educação que pretende humanizar apresenta como um de seus propósitos, dinamizar o processo de ensino e aprendizagem através do currículo trabalhado junto aos

saberes que os alunos adquirem por meio de diferentes vivências pessoais e interpessoais, a partir de uma formação participativa. Como ilustra Libâneo:

O ato pedagógico pode ser, então definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível intrapessoal como no nível de influência do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre os sujeitos ou grupo de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida. Presume-se aí, a interligação de três elementos: um agente (alguém, um grupo, etc.), uma mensagem transmitida (conteúdos, métodos, habilidades) e um educando (aluno, grupo de alunos, uma geração). (1994, p. 56).

Esta relação citada por Libâneo (1994) diz respeito às relações dentro do ambiente escolar, como por exemplo, de professor (que irá transmitir e proporcionar diferentes saberes através de sua ação pedagógica) e alunos. Cabe então ao professor, viabilizar meios para que a criança use seu pensamento para crescer, de forma a sentir-se apto para questionar e expor sua opinião. Desta forma, ao pensar no professor e uma educação humanizada estamos falando sobre um modo de pensar e agir a partir das diversas vivências na educação infantil, tendo esta, fundamental para a formação humana ao valorizar os processos de desenvolvimento pleno da criança que é um ser potente.

Sendo assim, este recorte de pesquisa apresentado tem como objetivo refletir sobre a relevância da educação humanizada na Educação infantil para que haja uma prática pedagógica mais integradora com as crianças pequenas. Desta forma, pensar na formação docente no curso de Pedagogia e ampliar o olhar para as questões humanizadoras são aspectos fundamentais.

METODOLOGIA

Toda pesquisa requer consultas a estudos feitos anteriormente a respeito do problema a ser pesquisado. É muito importante examinar a bibliografia existente que aborde o tema seguindo a linha metodológica que será utilizada. Este recoste na monografia em andamento se caracteriza por ser uma pesquisa bibliográfica, ou seja, baseia-se na consulta a textos, livros, documentos publicados a respeito do problema levantado e que gerou o interesse pela pesquisa.

Segundo Cervo (1983, p. 55) a pesquisa bibliográfica “busca conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existentes sobre um determinado, tema ou problema.” Esse tipo de pesquisa é muito utilizada no meio acadêmico na área das Ciências Humanas.

O pesquisador se serve das pesquisas já existentes para fundamentar seu trabalho, “utiliza-se de dados ou de categorias já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados”. SEVERINO (2007, p. 122). Esse tipo de pesquisa é base para qualquer tipo de trabalho científico e inicia-se a partir dessa consulta bibliográfica.

DESENVOLVIMENTO

A prática pedagógica realizada pelo professor é de suma importância, pois é através dela que a criança será estimulada cognitivamente e emocionalmente, fazendo com que explore de diferentes maneiras as atividades e assim, constrói seu conhecimento. Para tanto, nada adianta o professor seguir o currículo e propor uma atividade sem refletir sobre esta, pensando na forma que irá apresentar e ensinar determinado conteúdo, sem intenção de estimular a habilidade crítica da criança.

Para uma prática bem sucedida, o professor deve ficar atento tanto à qualidade da atividade que proporciona à criança, quanto a escuta e olhar sensível, seja através da oralidade ou dos atos, pois é nessa hora que o professor consegue verificar se a criança apresenta dificuldades ou não, e isso só é possível se este profissional se mantém próximo a seu aluno, sem ser autoritário e reproduzir uma conduta hierárquica. Essa aproximação também pode ser chamada de escuta.

Mas esta escuta vai além de escutar, é um exercício, uma construção que envolve muitos desafios, estudo, silêncio, inquietações, tempo, troca, sendo assim, é uma abertura ao outro que está relacionada a todos os nossos sentidos, fator essencial para uma educação humanizada. Ao pensar nesta postura do professor, é preciso um exercício constante sobre sua autoridade e atitude educacional como a análise crítica sobre as relações moralistas, preconceituosas, discriminatórias e autoritárias que muitas vezes o professor não reflete sobre sua fala ou prática em sala de aula e isso pode ocorrer pela ausência de formação emocional/afetiva.

Sob o mesmo ponto de vista, Freire diz:

O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético do meu dever de professor no exercício de minha autoridade. E mais, a prática educativa é: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje. (1998, p. 161).

Cabe ao professor, repensar constantemente sua prática para proporcionar meios para diversos conhecimentos e o êxito no aprendizado. Desta forma, a prática com intencionalidade e sensibilidade faz com que tudo seja significativo como um olhar expressivo, um sorriso, ou apenas um toque, fazendo com que haja comunicação entre a criança e o adulto desenvolvendo um campo afetivo, de segurança e acolhimento, assim, essa criança sintá-se especial, importante, pois seu maior incentivador e referência muitas vezes é seu professor. Sendo assim, o professor que aquele que ouve, respeita a fala de seu aluno, sua forma de pensar e expressar, deixa de ser um transmissor de conteúdo e passa a ser um verdadeiro educador já que é preciso diálogo para a construção do saber.

A afetividade manifesta-se através de comportamentos corporais e verbais e a comunicação afetiva deve fluir em consonância com as necessidades de cada fase, criando um relacionamento que favoreça o diálogo, partilha, confiança.

Se essa relação afetiva com os alunos não se estabelece, se os movimentos são bruscos e os passos fora do ritmo, é ilusório querer acreditar que o sucesso do educar será completo. Se os alunos não se envolvem, poderá até ocorrer algum tipo de fixação de conteúdos, mas certamente não ocorrerá nenhum tipo de aprendizagem significativa; nada que contribua para a formação destes no sentido de preparação para a vida futura, deixando o processo ensino-aprendizagem com sérias lacunas. (CODO, 1999, p. 50).

Para que haja uma educação humanizada, que tenha os afetos como parte do processo, é preciso entender que não se trata de uma educação permissiva e sim uma educação em que a relação entre os envolvidos seja de respeito, confiança e cumplicidade.

O PROFESSOR HUMANIZADOR

Ao se tornar professor é trazido consigo muitos saberes, dentre eles os científicos, de experiências profissionais e de vida e as diferentes relações que tiveram, desde a infância, passando pela adolescência até a fase adulta. As concepções sobre o que é ser criança, tem relação com a criança que este profissional já foi, suas experiências, lembranças, já que nos formamos enquanto seres humanos através de tudo o que foi vivenciado em nossas vidas na socializações com seus pares, da sua cultura, não apenas o que foi aprendido na formação profissional. Como ilustra Giroux (1997, p. 40) “(...) nessas experiências

temos constatado que nossas concepções de infância atravessam nossas trajetórias de vida e profissão (...). Sendo assim, é possível dizer que as experiências durante a vida fazem com que o professor direcione suas práticas para determinadas formas de ser e agir com as crianças. Nóvoa (2009, p. 36) afirma que:

Sua prática integra diferentes saberes, com os quais o corpo docente mantém diferentes relações. Pode-se definir o saber docente como um saber plural, formado pelo amálgama, mais ou menos coerente, de saberes oriundos da formação profissional e de saberes disciplinares, curriculares e experienciais.

Para refletir sobre sua relação com as crianças é importante que o professor pense no que é ser criança na contemporaneidade, e para isso, é preciso voltar nos tempos de outrora. Pensar sobre as infâncias é um desafio que engloba campos da psicologia, sociologia, antropologia e é um tema estudado ao longo dos anos, a partir de diferentes culturas, particularidades, pluralidades.

Embora saibamos que cada criança possui suas especificidades nem sempre é considerada como um ser único, principalmente nas escolas, já que muitas vezes os adultos apresentam uma relação hierárquica entre professor e aluno e insistem em um trabalho como um chão de fábrica, ou seja, todos iguais, com a mesma forma de inteligência, comportamento e expressão. Sabemos que um dos grandes desafios da educação escolar levar em conta a singularidade de cada um. Além disso, ao pensar no processo humanizador, o professor leva em consideração o que todos têm a dizer e utiliza suas falas e pensamentos na prática pedagógica, assim a aula e as atividades são pensadas com as crianças e não somente para a criança.

Para Rubem Alves (1984, Apud DELGADO, 2003, p. 1) “É preciso ir à escola. Todos os meninos vão. Para se transformarem em gente. Deixar as coisas de criança. Em cada criança brincante dorme um adulto produtivo (...)”.

“Por que esqueci quem fui quando criança?
 Por que deslembra quem então era eu?
 Por que não há nenhuma semelhança
 Entre quem sou e fui?
 A criança que fui vive ou morreu?
 Sou outro? Veio um outro em mim viver?
 A vida, que em mim flui, em que é que flui?
 Houve em mim várias almas sucessivas
 Ou sou um só inconsciente ser? ”(PESSOA, 1932 Apud DELGADO, 2003, p. 4).

Diante destas reflexões é pertinente pensar sobre esse sentimento de infância que nós adultos trazemos consigo. De fato, todos querem ser ótimos professores, porém não é uma tarefa fácil, exige muita dedicação, estudo, pesquisa e muito amor à profissão.

Somos profissionais do ensino, nossa tarefa é em ajudar os alunos no seu aprendizado, buscamos seu êxito e não seu fracasso, e a qualidade de nossa relação com os alunos pode ser determinante para conseguir nosso objetivo (MORALES, 1999, p. 13).

Muitas vezes vem o questionamento sobre o que é ser um bom professor, ou como fazer com que o aluno se aproxime, entre outras indagações. Para isso, é preciso preservar e entender os afetos através de um olhar e escuta sensível, a partir dessa mudança de postura do professor, o aluno se sentirá mais seguro, pertencente ao espaço escolar e dessa forma, motivado e envolvido com os conteúdos que precisam ser trabalhados. É muito importante que o professor trabalhe a motivação com seu aluno, onde haverá, através do reconhecimento, o sentimento de satisfação por ter executado com eficiência uma determinada atividade e “que engloba o conjunto de interações que se estabelecem entre o professor, os alunos e o conhecimento” (CORDEIRO, 2009, p. 98). Porém quando o professor se aproxima das crianças, busca relações através de diferentes formas e linguagens, traz a criança para perto de si, através de um processo humanizador e justo que tem como base o acolhimento.

Mas para que o professor pense e aja desta maneira, é preciso aprender sobre o tema, sentir-se parte deste processo. Infelizmente, pouco ou quase nunca, é ensinado na formação inicial sobre afetividade e sua relevância para o ensino e aprendizagem, tampouco na formação continuada de professores. Na sua atuação em sala de aula, nem todos os professores têm um perfil de mediador, de orientador, e tanto na formação inicial ou na formação continuada talvez não haja uma busca por conhecimentos teóricos que incluam na pauta a visão educacional e também a dimensão emocional como parte fundamental para um bom desempenho da criança, principalmente na Educação infantil.

Através da sua prática pedagógica, com/para os alunos assumo o incentivo à busca, à descoberta, à comparação à análise e à organização do conhecimento; além disso, o incentivo à crítica, à corresponsabilidade no processo de aprendizagem e à sua própria autonomia”. (MASETTO, 1999, p. 36).

Muitos professores no exercício da profissão sofrem com uma preocupação pelo conteúdo a ser dado, ao rendimento de suas aulas, já que muitas vezes, são cobrados pela gestão. Existe um foco central, o currículo, o programa de ensino, mas ao pensar na educação infantil, há quesitos indispensáveis para a educação das crianças como a socialização, as brincadeiras, as diferentes experiências, pois, são práticas presentes de forma constante (ou deveriam ser) nas atividades diárias das crianças, sendo que o professor pode intervir ou não, a partir de sua intencionalidade com as propostas pedagógicas. Ao pensar em formas de intervenção Zabala (1998, p. 17) afirma que “a intervenção pedagógica tem um antes e um depois que constituem as peças substanciais em toda a prática educacional”.

Sendo assim, se o professor tiver como foco apenas o conteúdo, o que está presentes nos currículos, sem pensar na forma ou formas de ensinar, sua aula será baseada apenas em um trabalho de desenvolvimento cognitivo e tradicionalista, já que predomina a postura do professor como detentor do saber e as crianças como seres que ainda serão “alguém”. Assim a autoridade do professor em sala de aula, sem intervenções em diferentes momentos do dia como nas brincadeiras ou trazendo questionamentos que permeiam a realidade das crianças, irá fazer com que a aula fique sem interesse e motivação por parte dos alunos. Muitas vezes isso pode acontecer, pois não terão o sentimento de pertencimento naquele espaço escolar. O professor precisa ter liberdade para pensar a melhor maneira, o método que irá desenvolver para apresentar os conteúdos a partir da realidade das crianças que ali estão, não cumprindo rigorosos calendários e materiais como as apostilas e materiais impressos, realizando sua prática pedagógica apenas transmitindo conteúdos e informações de forma não refletida, participativa, ou seja, não humanizada.

Por pouco explícito que sejam os processos de planejamento prévio ou os de avaliação da intervenção pedagógica, esta não pode ser analisada sem ser observada dinamicamente desde um modelo de percepção da realidade da aula, onde estão estreitamente vinculados o planejamento, a aplicação e avaliação (ZABALA, 1998, p. 17).

É possível afirmar que para mudar essa realidade é necessário que mude a maneira de pensar educação, de modo a olhar para a formação inicial de forma mais humanizadora, levando em conta que estamos em uma época onde vivemos na pluralidade e não no individualismo. Entretanto é relevante analisar como está a

educação, é preciso considerar a história de cada criança, a cultura, a arte e não somente um ensino voltado para o aprendizado sistematizado e homogêneo.

A Educação torna-se lugar de um novo tipo de humanismo em que uma formação apropriada atenda às exigências destes novos tempos em que o mundo emerge entre a pluralidade complexa e a unidade aberta, onde nenhum dos diferentes e concomitantes níveis de realidade constitui um lugar privilegiado para compreender todos os outros (DORNELES, 2004, p. 11).

As condições humanas em relação ao cuidado, afeto e formas humanizadas e sensíveis de pensar a educação das crianças faz com que o desenvolvimento seja pleno, realizado a partir de vivências que proporcionem conhecimentos que as crianças levarão para toda a vida e serão refletidos na sociedade. Na medida em que se educa levando em consideração esses aspectos, nesse ato educativo, compreendemos um modo de pensar aberto, livre e democrático. Dorneles (2004, p. 11) diz assim, “É preciso considerar a educação como um processo intercultural, humano e humanizador, que se constitui e se expressa como movimento e no movimento de produção, organização e gestão da vida e do viver; como gestão do cuidado”.

Falar da relação professor – aluno é falar também sobre os afetos, é um processo que pode ocorrer de forma lenta, porém intenso e significativo. Para tanto, é importante que o professor conheça as crianças, seus aspectos cognitivos, afetivos, culturais e também motores. Sendo assim, a criança aprende mais quando o professor promove o diálogo e a interação entre eles, contribuindo para uma relação de confiança e consecutivamente uma aprendizagem eficaz.

[...] O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma “cantiga de ninar”. Seus alunos cansam não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas do seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas incertezas (FREIRE, 1998, p. 96).

Como diz Libâneo (1994, p. 251) “o professor não transmite apenas informações ou faz perguntas, ele também deve ouvir os alunos”. Desta forma, em diversos momentos dentro da escola pode haver um diálogo mais intimista entre professor e aluno, para que a criança sinta confiança ao expressar suas opiniões. Portanto o professor da primeira infância precisa ser uma pessoa paciente, atenta, observadora e emocionalmente madura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, é na fase da infância que se criam as primeiras formas de apego, pois somos seres sociais e muitas vezes de forma inconsciente, procuramos segurança. Para tanto, o apego como parte deste processo humanizador faz com que uns se aproximem dos outros de forma afetiva, principalmente daqueles que cuidam das crianças, criando assim uma ligação para futuras relações afetivas. Em toda sua evolução a criança cria laços e nessa conexão estão inclusos os professores.

Já na fase escolar, a criança é apresentada a um novo meio de socialização, já que a escola é a extensão de sua casa e nesse momento é o professor a peça central, o adulto que estará com ela, que a criança irá se vincular e precisa sentir confiança. Do mesmo modo, quando se trata de aprendizagem, o vínculo torna-se um grande aliado, pois é através dele que a relação da criança e seu professor se estreita. Em suma, a criança sente que tem um apoio seguro para tirar suas dúvidas, pedir ajuda, não somente nessas horas de dificuldades, mas também quando ela quer se superar.

Por outro lado, basta um olhar sensível do professor para com seus alunos para fortalecer esse vínculo. Para tanto, o professor deve mostrar interesse aos assuntos de seus alunos, seja referente à aprendizagem ou algum assunto de que eles gostem. Afinal, quando o professor se empenha em conhecer a criança, pode se aproximar, criar vínculos e gradativamente a criança irá sentir-se parte daquele meio, e estará segura e consecutivamente esta relação pode mudar sua infância, sua história.

Ser professor requer muito cuidado, muita dedicação e sensibilidade. Em conclusão, o professor tem um papel muito importante na vida da criança e vice-versa, pois nesse processo de troca o professor é transformado diariamente, e assim o vínculo se estabelece de forma gradativa e significativa tornando a educação humanizada um diferencial na formação desta criança.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. de A. **Estórias de quem gosta de ensinar**. São Paulo, Cortez, 1984.

CERVO, A. L; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CODO, W. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes. 1999.

CORDEIRO, J. **Didática**. São Paulo: Contexto, 2009.

DORNELES, M. do A. Disposições ético-estético-afetivas e desafios teórico-metodológicos na pesquisa em Educação. **Anais** [...] da 27ª Reunião anual da ANPED. Caxambu: 2004. Disponível em <http://www.anped.org.br/>. Acesso em: 27/07/2020 às 14h06 .

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.

NÖRNBERG, M. **O lugar do cuidado na formação de professores**. *Diálogo*, v. 11, p. 211-234, 2007.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.